



## EDITORIAL

**COVID-19, para onde seguir?***COVID-19, where to go?*Fernando Rosado Spilki<sup>1</sup>

Prezados(as) leitores(as):

O futuro nunca foi tão incerto. O clichê se repete amiúde e é inabalável, mas nada do que estamos vivendo era esperado? Não há mesmo como predizer o futuro no século XXI?

Vivemos sim, por óbvio um momento de incertezas, a pandemia de COVID-19 é avassaladora e reveladora. Avassaladora pela tristeza, pelo medo e pela desesperança que traz a todos. Reveladora porque desafia as crenças individuais de muitos em uma estabilidade possível para a vida em sociedade, especialmente daqueles que julgavam – ou julgam – que o culto ao *self* e a proteção apenas aos muito próximos são suficientes para um *status quo* de pretensa felicidade ou de sobriedade que pouco precisa do pensamento no coletivo. Também porque deixa transparecer de forma muito evidente diversos cismas entre nós. Nunca estivemos de fato tão longe uns dos outros, não pela quarentena, mas por um conjunto de convicções extremadas que já se apresentava desde bem antes de 2020. E nesse momento em que o caos já vinha instalado nas relações humanas, com reflexos evidentes na política e economia, chega o SARS-CoV-2, vírus causador da COVID-19, um pequeníssimo meteoro, produzindo abismos inimagináveis. Vivemos então o pior momento para enfrentarmos uma pandemia dessa magnitude, pois expõe, particularmente no caso do Brasil, algumas verdades

<sup>1</sup> Sociedade Brasileira de Virologia e Universidade FEEVALE – Novo Hamburgo/RS – Brasil. E-mail: [fernandors@feevale.br](mailto:fernandors@feevale.br)



## Edição Especial COVID-19

inconvenientes: somos lamentavelmente pouco solidários, somos terrivelmente desiguais, pecamos muito em organização. Tais elementos, somados a uma condução cambaleante da crise por parte das várias esferas de governo e um não entendimento da dimensão da crise de muitos indivíduos em posição de liderança no geral, nos trazem até aqui, figurando junto aos Estados Unidos da América como as nações mais atingidas pela pandemia. Não temos apenas o desafio de vencer o vírus, velar os mortos, recuperar a economia, mas também teremos de costurar com muito tato nosso fragilíssimo tecido social.

E qual o papel do conhecimento organizado, da pesquisa científica e do campo da educação nesse contexto? Até agora, nada de novo na frente de batalha, há uma parcela da sociedade brasileira (majoritária, acredito eu de forma otimista) que de fato vê nos professores e nos cientistas um grupo a ser ouvido, que a opinião destes pode ser de alguma valia. Há no entanto, outra parcela para a qual a ciência e a educação valem até que não contrariem seus interesses. Para toda a sociedade, a ciência seria crucial para a resolução desta crise: como frear a pandemia? Quando teremos uma vacina? Como retomar a atividade econômica com segurança? Quando poderemos retornar às aulas? As respostas obviamente deveriam sair do melhor conhecimento disponível. Mas a verdade, mãe da ciência, nem sempre é confortável.

O que nos resta então como estudantes, professores, cientistas, educadores? Continuar nossa busca pelo conhecimento, ampliar nossa comunicação com a sociedade e cobrar um sistema de educação, ciência, tecnologia e inovação que seja perene, forte, autônomo e que se mantenha de forma inexorável comprometido com a verdade, com o fato, com a crítica e a autocrítica. Vamos lutar para que no processo de reconstrução do Brasil dos escombros da COVID-19, tenhamos o devido espaço para agir na edificação de uma nova fase em que a ciência e o ensino se conectem de forma intrínseca com a sociedade e sirva de fato de base para as decisões de gestores públicos e privados, visando a proteção da vida, da economia, do bem-estar social e de uma experiência de vida mais digna para todos os brasileiros. Que não nos falte força e esperança. A leitura desse número especial de *Thema* pode ser um bom começo para essa caminhada.

Fernando Spilki